Constituição do sujeito e complexo de Édipo

Michele Roman Faria

introdução

A constituição do sujeito não é, propriamente, um tema clínico. A psicanálise não é uma clínica da constituição do sujeito. Em uma análise, o sujeito está presente desde a entrada, mesmo quando se trata de crianças. Não podemos, todavia, deixar de observar que tal afirmação implica, necessariamente, um posicionamento ético em relação à subjetividade, demarcado por uma certa concepção de como o sujeito se constitui. Nesse sentido, ainda que o tema da constituição do sujeito não seja um tema clínico, não se pode desprezar sua intrínseca relação com a clínica.

Assim, se encontramos diferentes hipóteses sobre a constituição do sujeito ao longo da obra de Lacan, é porque elas derivam da evolução dos conceitos que dão suporte à abordagem dos problemas clínicos no decorrer de seu ensino. É notável, por exemplo, que a preocupação de Lacan com o papel do imaginário na análise, nos seus primeiros anos de ensino, se fez acompanhar de uma teoria sobre a constituição do sujeito – a do *estádio do Espelho* – que enfatiza precisamente a formação do Eu e a "a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem"[1]. Mais adiante, à medida que o simbólico passa gradativamente para o centro das preocupações de Lacan, é possível observar, por um lado, o foco no papel do simbólico na constituição dessa unidade do Eu (que encontramos, por exemplo, em seu primeiro seminário, de 1953-1954), e, ao mesmo tempo, a necessidade de uma teoria sobre a constituição do sujeito que lhe permitisse abordar com maior profundidade a relação entre o sujeito e o campo simbólico (ressaltada, por exemplo, em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, de 1953, e *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, de 1957). Surge, então, a teoria do *complexo de Édipo*, cuja forma particular de abordagem no seminário de 1957-58, traz as marcas das novas indagações clínicas que caracterizam esse período de seu ensino. Mais adiante, quando Lacan passa a teorizar sobre e real e o objeto *a*, surgem outras hipóteses sobre a constituição do sujeito, como a que encontramos no *Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, de 1964, na qual ele

[1] Lacan. O estádio do espelho como formador da função do eu (1947/1998, p. 97).

articula a função do objeto *a* à inscrição do sujeito no campo simbólico pela via da alienação e da separação. Vale notar que, mesmo passando de uma hipótese a outra, é freqüente o esforço de Lacan em retomar as hipóteses anteriores à luz de suas novas articulações teóricas. Isso é claro quando encontramos, entre outros casos, o esquema ótico no *Seminário – livro 10: A angústia*, de 1962-1963, e o complexo de Édipo no *Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise*, de 1969-1970.

A proposta deste artigo é fazer este exercício de retomada de uma hipótese de Lacan sobre a constituição do sujeito à luz dos desenvolvimentos teóricos posteriores à sua formulação. Para esse fim, escolhemos a teoria do complexo de Édipo, apresentada por ele no *Seminário – livro 5*, da qual destacaremos duas vertentes distintas de leitura. Na primeira, bastante comum e mais condizente com o ponto em que se encontra a teoria lacaniana em 1957, o complexo de Édipo aparece como o efeito da interdição de um pai castrador, que impõe um limite ao gozo da relação incestuosa da criança com a mãe. Na segunda, que em nosso entender seria mais compatível com as elaborações de Lacan sobre o sujeito posteriores a essa época, o pai surgiria como uma interpretação que visa articular simbolicamente (via significante) o que seria um ponto de angústia (precisamente no lugar em que o complexo de castração busca recobrir a angústia resultante da extração do objeto *a* do campo do Outro). Essa segunda leitura nos permitirá concluir que não é o Édipo que impõe um limite ao gozo, ele apenas fornece ao sujeito os elementos que lhe permitem ordenar simbolicamente a irremediável perda de gozo própria de toda inscrição no campo da linguagem, e que concerne ao objeto *a*.

o complexo de Édipo

A grande contribuição de Lacan à teoria do Édipo, já em 1957, é sua apresentação em três tempos lógicos. Esses tempos são lógicos no sentido de que a articulação de cada um deles, pelo sujeito, depende da articulação do tempo anterior, sem a qual não se chega a uma certa conclusão. É isso o que Lacan mostra com o problema dos três prisioneiros no texto *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*, no qual a resolução do problema que dá aos prisioneiros a liberdade só se torna possível com a articulação de certos passos lógicos, necessários a uma determinada conclusão.

Essa articulação de três tempos lógicos permite a Lacan excluir do tema da subjetividade toda a problemática do desenvolvimento, passível de ser extraída do complexo de Édipo freudiano. Isso não quer dizer, obviamente, que Lacan ignore a

temporalidade cronológica, através da qual o desenvolvimento de uma criança é observável. Como ele mesmo afirma no *Seminário – livro 5*, "nos esquemas que proponho a vocês e que são extraídos do sumo da experiência, procuro produzir tempos. Eles não são, forçosamente, tempos cronológicos, mas isso não vem ao caso, já que também os tempos lógicos só podem desenrolar-se numa certa sucessão"[2]. A riqueza de sua abordagem do Édipo consiste, portanto, em mostrar que a subjetividade não é produto, nem conseqüência dessa sucessão cronológica ligada ao desenvolvimento, ela é efeito de uma articulação lógica que permite ao sujeito inscrever-se no campo da linguagem.

[2] Lacan. *O Seminário – livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958/1998, p. 215).

Acompanhemos, então, os três tempos lógicos da abordagem proposta por Lacan. No primeiro deles, encontramos o ser mítico que Lacan denomina Δ, e que ele define como um *assujeito*: "pois bem, digo que a criança se esboça como *assujeito*. Trata-se de um assujeito porque, a princípio, ela se experimenta e se sente como profundamente assujeitada ao capricho daquele de quem depende, mesmo que esse capricho seja um capricho articulado"[3]. Trata-se, inicialmente, de um assujeitamento a esse ser caprichoso, de quem a criança encontra-se na mais completa dependência: a mãe. Daí Lacan afirmar que "a primeira relação de realidade desenha-se entre a mãe e o filho, e é aí que a criança experimenta as primeiras realidades de seu contato com o meio vivo"[4]. É porque essa mãe é, para a criança, o suporte do contato com o meio vivo, suporte do próprio campo da linguagem – pois é ela que significa choros, que nomeia vontades, que interpreta gritos, satisfazendo ou não o bebê – que Lacan a denomina o Outro materno (A), "esse Outro primeiro que é sua mãe"[5].

[3] *Ibid.*, p. 195.

[4] *Ibid.*, p. 186.

[5] *Ibid.*, p. 194.

Temos, portanto, de um lado, esse assujeito, esse ser mítico que Lacan denomina Δ, e, do outro lado, o Outro materno, A, suporte de todas as significações que marcam o contato primeiro da criança com o mundo. Podemos escrevê-lo assim:

Δ A

É em torno dessa dualidade que, desde o *Seminário – livro 4*, de 1956-1957, Lacan afirma ser apenas *aparente*, que as coisas se ordenam no primeiro tempo do Édipo. Considerar que essa dualidade seja apenas aparente implica admitir que há outros elementos em jogo já nesse primeiro tempo, elementos cuja posição inicial não é simples de ser situada.

Um desses elementos é o *pai*. Em relação à presença paterna, Lacan afirma: "é para desenhar objetivamente essa

situação que fazemos o pai entrar no triângulo, embora, para a criança, ele ainda não tenha entrado"[6].O pai já está lá, no triângulo pai-mãe-criança, desde o início. Para a criança, porém, ele ainda não entrou. Mas o fato de que esteja lá, desde o início, não é sem importância para a articulação dos tempos lógicos seguintes, pois essa presença "desde o início" revela que o pai tem, para a mãe, um lugar, antes mesmo que este esteja marcado para a criança.

[6] *Ibid.*, p. 186.

Lacan refere-se à presença paterna nesse primeiro tempo da seguinte forma: "em primeiro lugar, a instância paterna se introduz de uma forma velada, ou que ainda não aparece. Isso não impede que o pai exista na realidade mundana, ou seja, no mundo, em virtude de neste reinar a lei do símbolo"[7]. Temos, assim, de um lado Δ, para o qual a presença paterna ainda não se articulou, e do outro A, em relação ao qual a presença paterna se articula desde o início, em razão de sua existência na realidade mundana. Podemos acrescentá-lo ao nosso esquema, escrevendo:

[7] *Ibid.*, p. 200.

Δ A (pai)

Mas há ainda um outro elemento em jogo no primeiro tempo do Édipo, cuja posição é ainda mais difícil de ser compreendida: o *falo*. No *Seminário – livro 4,* Lacan propõe uma reflexão exaustiva sobre a relação mãe-criança, mostrando que o *falo* é um elemento que está presente desde o início, uma vez que, para a mãe, já tem seu lugar muito antes do próprio nascimento da criança. É nesse sentido que Lacan afirma, no *Seminário – livro 5,* que "a questão do falo já está colocada em algum lugar da mãe, onde a criança tem que situá-la"[8]. Devemos lembrar, contudo, que para a criança "trata-se de saber como ela poderá ir ao encontro desse objeto, posto que este é constituído de maneira infinitamente mais elaborada no nível da mãe, a qual já avançou um pouco mais na vida do que a criança"[9].

[8] *Ibid.*

[9] *Ibid.*, p. 206.

A posição fálica da criança nesse primeiro tempo do Édipo é, portanto, muito particular e de difícil compreensão porque, de partida, só pode ser articulada do lado do Outro materno. Lacan resolve provisoriamente essa dificuldade denominando-a "etapa fálica *primitiva*" e lembrando que "trata-se do falo como desejado pela mãe"[10]. Voltaremos a essa questão adiante.

[10] *Ibid.*

Assim, embora a problemática fálica esteja colocada, de partida para a mãe, ela só será, para a criança, o produto, o

efeito, dessa articulação lógica resultante dos três tempos do complexo de Édipo. Podemos, então, completar nosso esquema do primeiro tempo do complexo de Édipo com o seguinte:

$$\Delta \qquad A \qquad \text{(pai) (falo)}$$

Notemos, desse modo, que o Édipo permite a Lacan fazer uma hipótese sobre como é possível para a criança, que se esboça no mundo como um *assujeito*, posicionar-se em relação ao campo da linguagem, A, por meio da articulação desses dois elementos fundamentais já presentes, em potência, nesse mesmo campo desde o início: o *pai* e o *falo*. Segundo Lacan, é o *desejo materno* que engendra a possibilidade de articulação desses elementos, uma vez que esse desejo revela o assujeitamento da mãe a uma lei que está *mais-além* dela mesma. É esse *mais-além* que permite à criança passar à articulação lógica apresentada por Lacan na etapa seguinte, e que ele considera um *ponto nodal* no complexo de Édipo.

O *mais-além* do desejo materno leva a criança, no segundo tempo do Édipo, a situar o que Lacan denomina, no *Seminário – livro 5*, o "desejo de Outra coisa"[11]. Ele afirma: "há nela [na mãe] o desejo de Outra coisa que não o satisfazer meu próprio desejo, que começa a palpitar para a vida"[12]. É como se, nesse momento, a criança pudesse formular esta questão: "O que quer essa mulher aí? Eu bem que gostaria que fosse a mim que ela quer, mas está muito claro que não é só a mim que ela quer. Há outra coisa que mexe com ela, é o *x* (...)"[13].

[11] *Ibid.*, p. 182.

[12] *Ibid.*, p. 188.

[13] *Ibid.*, p. 181.

Para Lacan, não parece haver melhor ilustração para esse *mais-além* do desejo materno, para a existência de um desejo outro que não pela criança, que a *ausência materna*. A pergunta sobre "o que deseja essa mãe?" só pode surgir porque se apresenta uma hiância, um vazio, entre mãe e criança, sem o que a criança permaneceria na ilusão de ser o que completa esse Outro. Nesse sentido, a mãe que se ausenta parece evidenciar a existência de um enigma, de um *x*, em relação ao seu desejo, *ao mesmo tempo* que revela que esse desejo não pode ser obturado pela presença da criança. É por isso que Lacan ressalta que, a partir daí, "a criança é profundamente questionada, abalada em sua posição de assujeito [e que] o círculo não se fecha completamente em torno da criança"[14]. Há, nesse ponto, o que podemos chamar de uma "dupla operação de castração", já que a constatação de um desejo, de uma falta, de um *mais-além* no Outro materno é, necessariamente, concomitante à constatação

[14] *Ibid.*, p. 210.

de que a própria criança não é um objeto capaz de saturar essa falta no Outro. Podemos escrevê-lo da seguinte forma:

$$\$ \quad A$$

A essa operação do segundo tempo Lacan denomina *privação materna*, termo que lhe permite delimitar sua complexidade tanto em relação à incidência da castração, como em relação à entrada paterna que se articula a essa incidência. A privação é uma das formas pelas quais ele denomina a falta de objeto no *Seminário – livro 4*, ao lado da castração e da frustração. Na privação, há uma falta *real*. Sendo a privação uma falta real, o objeto da falta só pode ser algo que *deveria* estar ali onde não está, o que quer dizer que o objeto da privação é, necessariamente, um objeto simbólico. É nesse sentido que "toda privação real exige a simbolização"[15]. Isso permite a Lacan mostrar que esse objeto simbólico é a própria criança em posição de falo materno, mas somente na medida em que se trata de uma posição perdida, da criança como o falo, que, afinal, ela já não é – ou, pensando retroativamente, como o falo que ela "teria sido". Aí está a dificuldade de compreensão do termo privação, que exige observar que, no segundo tempo, "o que é castrado, no caso, não é o sujeito, e sim a mãe"[16] – não a mãe em si, mas a mãe enquanto esse Outro que passa a ser apreendido pela criança como privado do falo.

Dessa privação materna, que Lacan apresenta como o *ponto nodal* do Édipo, é que se faz pressentir a presença paterna: "esse segundo tempo tem como eixo o momento em que o pai se faz pressentir como proibidor"[17]. A privação materna permite situá-lo como o *para-além* da mãe, "e isso já não é feito de maneira velada [como no primeiro tempo], porém de um modo mediado pela mãe"[18]. Lembremos que a articulação da privação materna só é possível porque já está colocada, desde o inícioc na mãe, enquanto Outro, um remeter-se a uma lei que não é a dela: "esse para-além da mãe, que é constituído pela relação dela com um outro discurso, o do pai"[19]. O que acontece no segundo tempo é que esse para-além da mãe encontra no pai uma significação, a aprtir da qual "tudo é questionado pela proibição paterna, que deixa a criança em suspenso quanto a seu balizamento do desejo do desejo da mãe"[20].

Notemos que, nesse ponto, a entrada do pai pode ser compreendida como um *efeito* da constatação da falta no campo do Outro, e não como seu *determinante*, o que dá uma conotação bastante diferente à tradicional leitura da entrada do pai no complexo de Édipo como aquele que, em certo momento, diria à criança: "Chega!", impondo-lhe a castração

[15] *Ibid.*, p. 191.

[16] *Ibid.*

[17] *Ibid.*, p. 209.

[18] *Ibid.*, p. 200.

[19] *Ibid.*, p. 208.

[20] *Ibid.*, p. 210.

e interditando o gozo de uma relação inicialmente incestuosa com a mãe.

É nesse ponto que se localiza a encruzilhada entre as duas vertentes de leitura do complexo de Édipo apontadas inicialmente. É, aliás, a essa encruzilhada que Lacan parece referir-se quando, no *Seminário – livro 10* (justamente na aula em que anuncia o pai como tema de seu próximo – e nunca apresentado – seminário), faz a seguinte pergunta:

> no mito freudiano, o pai intervém, da maneira mais evidentemente mítica, como aquele cujo desejo invade, esmaga, impõe-se a todos os outros. Não haverá nisso uma evidente contradição com um fato obviamente dado pela experiência – o de que, por intermédio dele, o que se efetua é algo totalmente diverso, qual seja, a normalização do desejo nos caminhos da lei?[21]

[21] Lacan. *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-63/2005, p. 365).

Com o auxílio do *Seminário – livro 10,* deixaremos provisoriamente de lado a primeira vertente de leitura do complexo de Édipo, na qual o pai impõe a castração à criança, para destacar a importância da segunda vertente, em que o pai se faz pressentir como proibidor a partir do momento em que a criança se depara com o enigma relativo ao desejo materno.

Ao afirmar que o pai *se faz pressentir* como proibidor, Lacan permite situar a presença paterna, no segundo tempo, enquanto *significação atribuída pela criança à ausência materna.* É nesse sentido que podemos afirmar, seguindo essa segunda vertente de leitura, que *o pai é uma interpretação,* uma interpretação que vem, justamente, oferecer uma possibilidade de significação para o ponto de hiância produzido pela ausência materna e pelo enigma relativo a seu desejo.

Há, no *Seminário – livro 10,* uma afirmação de Lacan sobre a angústia que nos remete exatamente a este ponto de hiância provocado pelo enigma do desejo materno no segundo tempo do Édipo: "a angústia, como eu lhes disse, está ligada a eu não saber que objeto *a* sou para o desejo do Outro"[22]. Se Lacan contava, no *Seminário – livro 5,* com o conceito de *falo* para abordar esse enigma do desejo do Outro (o que, como mostramos anteriormente, é um tanto impreciso para falar da posição da criança no primeiro tempo do Édipo, e que o levou a especificá-la como uma posição fálica "primitiva") no *Seminário – livro 10* esse mesmo ponto, o de um não saber o que se é para o desejo do Outro, já pode ser articulado a um conceito com o qual La-

[22] *Ibid.*, p. 353.

can não contava em 1957-1958: o objeto *a*. Quando retomamos o segundo tempo do Édipo à luz desse conceito, é possível resolver a dificuldade em situar a queda da criança de sua posição em relação ao Outro, uma queda que é logicamente anterior à operação metafórica que faz do falo o significante ordenador da castração. Com o auxílio do *Seminário – livro 10*, é possível concluir que a queda em questão é a da posição de objeto, a mesma que Lacan articula, nesse seminário, ao termo *niederkommen*, o "deixar cair" extraído do caso freudiano da jovem homossexual, que porta a idéia de um deixar-se cair do lugar de objeto *a* para o Outro. Trata-se de uma queda que, para Lacan, presentifica o perigo mais original: o do desamparo. É aí que cabe pensar a origem da angústia, "resposta ao perigo mais original, ao intransponível *Hilflosigkeit*, ao desamparo absoluto da entrada no mundo"[23].

[23] *Ibid.*, p. 353.

Assim, justamente no momento em que o sujeito desapareceria, descartado, deixado cair pelo Outro, em seu mais absoluto desamparo, o apelo ao simbólico, pela via paterna, permite-lhe ordenar um campo em que ele encontra um lugar pela via do desejo e da lei. É o que permite a Lacan definir o objeto *a* em sua função de *causa do desejo*, de lugar vazio desde onde o desejo se ordena, se articula, se constitui pela via simbólica. É aí que o pai surge como uma interpretação, aquela que faz desse lugar vazio (o do objeto *a*) um ponto de falta (a castração e sua articulação ao *falo*), como veremos a seguir, ao acompanhar a solução que Lacan propõe para o complexo de Édipo na passagem do segundo para o terceiro tempo, bem como a mudança na posição paterna ligada a tal solução.

Como vimos até aqui, no segundo tempo o apelo à posição simbólica do pai o transforma na significação relativa à hiância produzida na relação mãe-criança. Tal significação dará ao pai um lugar de onipotência fálica ameaçadora – trata-se do pai que Lacan caracteriza, no *Seminário – livro 5*, como alguém privador e onipotente. Ainda que tal hiância, como vimos, seja um real com o qual a criança se confronta quando cai de sua posição de objeto do Outro, o apelo ao pai tem o efeito de produzir uma interpretação desse real (tratando-o pela via simbólica, portanto) em que o lugar desse pai só poderia ser o da onipotência privadora, pois, como vimos também, é a privação que permite situar um objeto simbólico onde a falta é real. No *Seminário – livro 10*, aliás, Lacan volta a nos lembrar da privação como a operação que permite tratar o real simbolicamente: "Eu lhes disse, em síntese, que não existe falta no real, que a falta só é apreensível por intermédio do simbólico"[24].

[24] *Ibid.*, p. 147.

No segundo tempo, ao pai é atribuído o falo enquanto potência absoluta. Nesse sentido, há uma quase indistinção entre

as posições do pai e do falo, servindo ambos para situar, simultaneamente, esse elemento terceiro a que a privação materna é remetida e a potência absoluta capaz de sustentá-lo em seu lugar terceiro. Podemos, portanto, completar nosso esquema do segundo tempo do seguinte modo:

$$\$ \qquad \not{A} \quad \text{pai/falo}$$

A distinção essencial entre a posição paterna do segundo e do terceiro tempos deve, portanto, ser situada em relação à posição fálica do pai. Como afirma Lacan: "é por intervir no terceiro tempo como aquele que tem o falo, e não que o é, que se pode produzir a báscula que reinstaura a instância do falo como objeto desejado da mãe, e não mais apenas como objeto do qual o pai pode privar"[25]. Esse é o principal ponto ressaltado por Lacan em relação ao terceiro tempo do complexo de Édipo: trata-se da posição do pai que tem o falo, mas com a diferença de que ele se torna, na condição de portador do falo, potente e doador.

[25] Lacan. *O Seminário – livro 5: As formações do inconsciente* (1957-58/1998, p. 201).

Essa passagem do pai onipotente e privador do segundo tempo para o pai potente e doador do terceiro tempo, todavia, não é suficientemente esclarecida por Lacan no *Seminário – livro 5*. Como o pai privador e onipotente pode passar a potente e doador? Proporemos aqui uma hipótese que é sobretudo um exercício de compreensão da lógica com a qual a criança parece ter de lidar na passagem do segundo para o terceiro tempo do Édipo.

Lembremos que, no segundo tempo, tomamos a *ausência materna* como a melhor ilustração do que permite à criança situar o *mais-além* do desejo materno, uma vez que revela a existência de algo que permite à criança concluir que ela mesma não é o objeto que satura o desejo materno. Sabemos, contudo, que, para a simbolização do objeto, não é a pura ausência que interessa (esta estaria mais ligada ao desamparo), mas sim a oscilação, a alternância, do par *presença-ausência*. Devemos, portanto, acrescentar à nossa ilustração o *retorno materno* como o elemento capaz de nos conduzir à lógica apresentada para a criança na passagem ao terceiro tempo. Afinal, se a ausência materna torna necessário o apelo à figura privadora e onipotente do pai no segundo tempo, então o retorno materno, no momento seguinte, teria o efeito de mostrar à criança que esse terceiro, que a mãe foi buscar quando se ausentou, dá à mãe alguma satisfação, que não é, entretanto, absoluta. Se a mãe retorna, é porque encontra também na criança um objeto de interesse e satisfação.

A *oscilação* entre presença e ausência permite, assim, à criança concluir que o falo, na condição de representante desse

objeto de interesse e satisfação, não está nem na mãe, nem no pai, nem na criança, ele *circula* entre esses três elementos. É nesse sentido que, no terceiro tempo, "o pai intervém como real e potente"[26], e é por isso que Lacan afirma que "a terceira etapa é tão importante quanto a segunda, pois é dela que depende a saída do complexo de Édipo. O falo, o pai atestou dá-lo em sua condição e apenas em sua condição de *suporte* (...) da lei"[27]. Completando nosso esquema, teremos então:

[26] *Ibid.*, p. 147.

[27] *Ibid.*, p. 200.

1º tempo	Δ	A	(pai) (falo)
2º tempo	$\$$	$\not A$	pai/falo
3º tempo	$\$$	$\not A$	pai
			falo

O que pode ser articulado, pelo sujeito, ao final do complexo de Édipo é, portanto, a existência do *falo* como esse elemento *simbólico* que pode circular, e que é efeito da posição do *pai* enquanto *função simbólica*, enquanto *metáfora* que vem substituir, nomear ou, como afirma em *Nota sobre a criança*, de 1969, *vetorizar* o desejo materno.

Com o auxílio do *Seminário – livro 10*, podemos acrescentar que o pai é o recurso ao simbólico que permite dar uma interpretação, ordenar simbolicamente esse ponto que remete para o real do desamparo, nomeando um vazio em termos de castração. Sob esse ponto de vista, o pai não tira da criança nenhum gozo, ele torna possívela ordenação, pela via simbólica, desse gozo. Reencontramos assim a afirmação de Lacan no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* de que "não é a lei em si que barra o acesso do sujeito ao gozo; ela faz de uma barreira quase natural, um sujeito barrado"[28].

[28] Lacan. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960/1998, p. 836).

Por fim, se acrescentamos ao nosso esquema do complexo de Édipo o objeto *a*, ele ficaria assim:

$$\begin{array}{ccc} \Delta & & A \\ \$ & a & \not A \\ \$ & \lozenge \; a & \not A \end{array}$$

Nessa versão do esquema, o primeiro tempo consistiria em um tempo mítico de assujeitamento da criança ao Outro materno, uma posição que implica um Outro não-barrado que goza da criança em posição de objeto *a*; trata-se, portanto, de um tempo que só pode ser sustentado retroativamente, a partir do segundo, caracterizado por Lacan como o tempo nodal do Édipo, em que a privação materna torna possível a simbolização da queda da criança de seu lugar de objeto de gozo do Outro; por fim, no terceiro tempo, pode-se situar a resposta fantasmática, em que $\$$ e *a* se articulam para produzir uma resposta ao *Che vuoi?*, enquanto enigma do desejo do Outro, A.

Finalmente, para concluir, podemos retornar à vertente de leitura do Édipo em que o pai castrador interdita o acesso da criança ao gozo de uma relação incestuosa com a mãe e afirmar que essa leitura reencontra seu lugar como a interpretação que a função simbólica do pai empresta, *a posteriori*, ao "mito individual do neurótico", aquela que encontramos no imaginário do enredo edipiano de toda neurose. Afinal, como afirma Lacan no *Seminário – livro 10*, "a castração, no fim das contas, nada mais é que o momento da interpretação da castração"[29].

[29] Lacan. *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-63/2005, p. 56).

FREUD, Sigmund (1924). Dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard brasileira das Obras completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XIX.

FREUD, Sigmund (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In:*Edição Standard brasileira das Obras completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XIX.

LACAN, Jacques. (1945). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 4: A relação de objeto* (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, Jacques (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

resumo

Trata-se de uma proposta de leitura dos três tempos lógicos do complexo de Édipo, na qual pretende-se mostrar a importância de subverter o viés marcadamente freudiano que Lacan dá ao tema em 1956-57 – em que o pai castrador interdita o acesso da criança ao gozo de uma relação incestuosa com a mãe – em favor de uma leitura que considere os desenvolvimentos de Lacan pós-*Seminário 5*. Tal leitura permite concluir que não é o Édipo que impõe um limite ao gozo, ele apenas fornece ao sujeito os elementos que permitem ordenar simbolicamente a irremediável perda de gozo própria de toda inscrição no campo da linguagem, e que concerne ao objeto *a*.

palavras-chave

complexo de Édipo, pai, falo, constituição do sujeito.

abstract

The article proposes a reading of the three logical times of Oedipus complex, in which we intend to show the importance of subverting the reading remarkably freudian that Lacan gives to the theme in 1956-57 – in which a castrator father interdicts child's access to the joy of an incestuous relationship with the mother – in favor of a reading that considers Lacan's developments post-*Seminar 5*, that allows to conclude that it is not Oedipus complex that imposes a limit to the joy, it just supplies the subject with the elements that allow him to order symbolically the loss of joy that is present in all inscription in the field of the language, concerning to the *a* object.

key words

OEdipus complex, paternal function, phallus, subject's constitution.

recebido
28/03/2006

aprovado
07/04/2006